

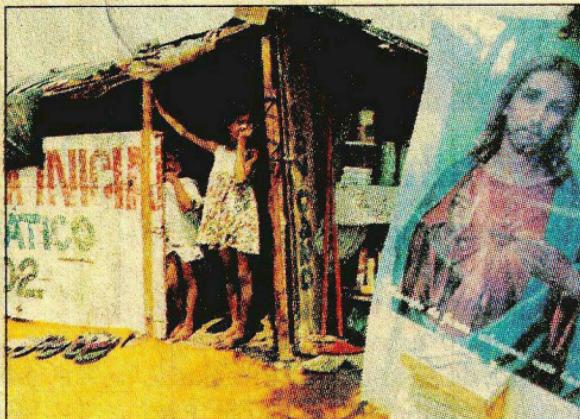
Quatro vezes no chão

Da porta do barraco, são menos de 10 metros até uma das ribanceiras do Córrego do Acampamento. Sob a mesma lona, moram oito pessoas. Cozinhar, lavar pratos e tomar banho só do lado de fora. Por esse lugar, Luís Monteiro da Silva, 41 anos, diz que vai brigar até o fim da vida. "É a casa da minha família. Pode ser ruim para os outros. Para mim, é tudo", justifica.

Segundo o relatório da Defesa Civil, o barraco de Luís está em situação de risco. O Sistema Integrado de Vigilância do Solo (Siv-Solo) foi acionado e a retirada está marcada para hoje. Pela quarta vez, a família de Luís vai assistir à destruição da própria casa. "Eles derrubam o barraco e depois queimam tudo. Na última vez, nem os meus documentos consegui salvar", conta Francinete da Conceição, 35 anos, mulher de Luís.

A retirada não causa mais expectativa na família. Faz mais de seis anos que eles recomeçam a construção da casa. No parque da 212 Norte, nasceu uma das três filhas do casal, Gisele, com 5 anos. "Se derrubarem, a gente junta tudo de novo", garante Luís.

Os móveis da casa são trazidos



Gisele, 5 anos, (E) nasceu na invasão da 212 Norte. Hoje ela deve se mudar, mas pode voltar

dos lixos das superquadras. A entrada e a sala são cobertos por tapetes, mantidos limpos durante todo o dia. "Toda vez é assim. Quando a gente está com tudo organizado, derrubam o barraco", prevê Francinete.

A família é mantida pelo trabalho de Luís e da filha mais velha, Rafaella, 9 anos. Eles passam o dia recolhendo latas de refrigerante e cerveja. "Depois a gente vende para a reciclagem. O dinheiro não é muito, mas a comida nunca faltou", orgulha-se Luís.

Na última temporada de chuva, a família morava no mesmo lugar que está hoje. "Não vi perigo nenhum. Aqui a gente não tem nem tijolo. O máximo que pode acontecer é a lona voar", sorri Francinete. (KF)